

IX Encontro Nacional de Estudos do Consumo

21 a 23/11/2018, ESPM, Rio de Janeiro, RJ

GT 09 - Consumo, gênero e sexualidade: práticas de consumo e produção da diferença

Azul ou rosa? Futebol ou boneca? Menino ou menina? O Chá de Revelação e o espectro dos papéis sociais no consumo e na construção da identidade de gênero

CARLOS BRUNO ALVES RIBEIRO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

carlosbaribeiro@hotmail.com

LUIZ ANTÔNIO MATTOS DO CARMO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

luanmacar@gmail.com

MAYTÊ CABRAL MESQUITA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

maytecam@yahoo.com.br

MARCELO DE REZENDE PINTO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

marcrez@hotmail.com

RESUMO

O corpo pode ser comparado a uma tela em branco aberta a ser pintada e construída e reconstruída por diversas cores, modos ou discursos. Deste modo, o corpo passa a ser um código portador de estruturas externas culturais e sociais (SHILLING, 2012; KROKER & KROKER, 1988).

Partindo dessa premissa, o recorte desse estudo submerge na direção da designação dos papéis sociais por meio da construção da identidade de gênero conferida antes mesmo do nascimento e performaticamente desvendada em chás de revelação. Expõe-se assim, a busca pela legitimação do sexo biológico o que negligencia o gênero em um indivíduo que ainda não teve contato com os significados sociais e culturais constitutivos da identidade de cada sujeito. Portanto, o valor simbólico do sexo é materializado por intermédio do consumo encarnado em roupas com a cor azul ou rosa e em brinquedos como a bola de futebol, a boneca, o carrinho, as panelinhas de comidinha e os bonecos de bebês. Nesta projeção das expectativas criadas pelos pais são refratados os desejos e as visões do que é ser homem ou mulher, isso pode ser refletido, por exemplo, no anseio de que o bebê seja do sexo masculino e que seja um futuro jogador de futebol, sob essa ótica as intervenções e (re)significações do sexo são objetivadas performaticamente em papéis sociais. Por conseguinte, o consumo torna-se balizador e catequizador desses papéis sociais que finda por replicar e criar um modelo hegemônico.

Sendo assim, o objetivo central desse trabalho é investigar a relação entre o discurso inerente à legitimação do sexo e da identidade de gênero e a replicação social do fundamentalismo biológico via consumo. Para tanto, passa-se pelo discurso intrínseco ao corpo significado no ventre da mulher e performatizado no momento da revelação do sexo biológico em que o consumo torna-se a materialização e a legitimação do sexo e de uma possível identidade a ser construída coletivamente por intermédio das generalizações reproduzidas pelas noções de masculinidade e de feminilidade. Entretanto, para Shilling (2012), os corpos são entidades inacabadas, desde o nascer e ao entrar na vida social o corpo começa uma jornada contínua de construção e reconstrução.

Para atender esse objetivo foi proposta a articulação de duas técnicas de coleta de dados: observação e entrevistas em profundidade. Os autores frequentaram chás de revelação e conduziram entrevistas com pais, mães e

organizadores desses eventos. Lançou-se mão da abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso da linha francesa.

Os resultados do estudo acabam por descortinar uma série de questões que parecem estar alinhadas com a ideia de Connell (1983; 1987) de que as crianças pequenas têm a identidades de gênero imposta muito antes de serem capazes de compreender o sexo e assumir uma identidade de gênero, mas também contribui para descortinar uma série de outras indagações. Entre elas, destacam-se: O que é ser homem ou mulher na sociedade de consumo atual? O que é gênero, sexo, masculino e o que é feminino nesse contexto? O que o consumo ajuda a refletir e refratar no tocante a essas questões? Se a diferença entre meninas e meninos, mulheres e homens é concebida como “natural”, ela tem que ser marcada tão intensamente e persistentemente por práticas como o sexo em roupas? Essas práticas de consumo devem ser interpretadas como um empenho contínuo para amparar a definição social de gênero? Até que ponto um esforço do consumo se faz necessário para que a lógica biológica sustente as categorias de gênero?

Em suma, o artigo traz uma provocativa discussão que acaba por convidar os pesquisadores a investirem esforços de investigação na relação essencialmente imbricada entre consumo, gênero e sexualidade e nas contribuições que essa interlocução pode oferecer à teoria social contemporânea.

Palavras-Chave: Consumo; Chá de Revelação; Gênero; Papeis Sociais de Gênero; Análise do Discurso.

INTRODUÇÃO

O corpo pode ser comparado a uma tela em branco a ser rascunhada e pintada por diversas cores, modos ou discursos. Deste modo, o corpo passa a ser um portador de estruturas culturais e sociais externas (SHILLING, 2012; KROKER & KROKER, 1988).

Partindo dessa premissa, o recorte desse estudo foca na designação dos papéis sociais por meio da construção da identidade de gênero conferida antes mesmo do nascimento e performativamente atribuída em chás de revelação. Expõe-se, assim, a busca pela legitimação do sexo biológico, o que negligencia o gênero em um indivíduo que ainda não teve contato com os significados sociais e culturais constitutivos da identidade de cada sujeito. Portanto, o valor simbólico do sexo é materializado por intermédio do consumo encarnado em roupas com a cor azul ou rosa e em brinquedos como a bola de futebol, a boneca, o carrinho, as panelinhas de comidinha e os bonecos de bebês. Nesta projeção das expectativas criadas pelos pais são refratados os desejos e as visões do que é ser homem ou mulher, isso pode ser refletido, por exemplo, no anseio de que o bebê seja do sexo masculino e que seja um futuro jogador de futebol, sob essa ótica as intervenções e (re)significações do sexo são objetificadas performativamente em papéis sociais. Por conseguinte, o consumo torna-se balizador e catequizador desses papéis sociais que finda por replicar e criar um modelo hegemônico.

Sendo assim, o objetivo central desse trabalho é investigar a relação entre o discurso inerente à legitimação do sexo e da identidade de gênero e a replicação social do fundamentalismo biológico via consumo. Para tanto, passa-se pelo discurso intrínseco ao corpo significado no ventre da mulher e performatizado no momento da revelação do sexo biológico em que o consumo torna-se a materialização e a legitimação do sexo e de uma possível identidade a ser construída coletivamente por intermédio das generalizações reproduzidas pelas noções de masculinidade e de feminilidade. Entretanto, para Shilling (2012), os corpos são entidades inacabadas, desde o nascer e ao entrar na vida social o corpo começa uma jornada contínua de construção e reconstrução.

Para atender esse objetivo foi proposta a articulação de duas técnicas de coleta de dados: observação e entrevistas em profundidade. Os autores frequentaram chás de revelação e conduziram entrevistas com mães que organizaram esses eventos. No que se refere às narrativas extraídas, lançou-se mão

da abordagem teórico-metodológica da a análise do discurso de corrente francesa de linha Pecheutiana.

Os resultados do estudo acabam por descortinar questões que parecem estar alinhadas com a ideia de Connell (1983; 1987) de que as crianças pequenas têm a identidade de gênero imposta muito antes de serem capazes de compreender o sexo e de assumir uma identidade de gênero, mas também contribui para descortinar uma série de outras indagações. Entre elas, destacam-se: O que é ser homem ou mulher na sociedade de consumo atual? O que é gênero, sexo, masculino e o que é feminino nesse contexto? O que o consumo ajuda a refletir e refratar no tocante a essas questões? Se a diferença entre meninas e meninos, mulheres e homens é concebida como “natural”, ela tem que ser marcada tão intensamente e persistentemente por práticas como o sexo em roupas? Essas práticas de consumo devem ser interpretadas como um empenho contínuo para amparar a definição social de gênero? Até que ponto um esforço do consumo se faz necessário para que a lógica biológica sustente as categorias de gênero?

Em suma, o artigo traz uma provocativa discussão que acaba por convidar os pesquisadores a debruçar-se sobre esforços de investigação na relação essencialmente imbricada entre consumo, gênero e sexualidade e nas contribuições que essa interlocução pode oferecer à teoria social contemporânea.

A inexistência do corpo

As identidades gênero ainda se fundamentam na supressão de semelhanças físicas e distinções corporais. Entretanto, as identidades de gênero são antecedentes as primeiras concepções biologicamente de masculino e de feminino. Por sua vez, essa supressão de semelhanças físicas torna-se mais evidente na educação de crianças pequenas que têm identidades de gênero que lhes foi imposta antes de serem capazes de reproduzir ou identificar essas distinções, afirmando assim, a dominação sobre o outro (CONNELL, 1983; 1987). Um exemplo, que por vezes se apresenta de maneira implícita como algo “dado” ou “natural”, se refere à popularidade do consumo de roupas de bebê que são de cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Esse exemplo esboça uma possível importância de replicar e continuar relacionando e marcando as diferenças entre os corpos mesmo não havendo uma identidade formada.

Os bebês se alimentam, urinam, defecam, tem refluxo e choram, isso acontece com todos sem distinção, logo, eles não são capazes de desempenhar ou reproduzir tarefas/papeis sociais significativos que podem ser atribuídos ao “sexo” de seus corpos. Portanto, se existe uma diferença entre meninas e meninos, mulheres e homens que é difundida como algo tão “natural”, não seria tão necessário ser marcado fortemente e persistentemente por práticas como o “sexo de roupas”? Essas práticas, de forma mais precisa, podem ser interpretadas como parte de um esforço contínuo para sustentar a definição de papeis sociais de gênero como um esforço que é necessário, pois a lógica biológica e a prática inerte que responde a ele, não podem sustentar as categorias de gênero (CONNELL, 1987).

Partindo das premissas anteriores, pode-se inferir que a abordagem naturalista continua a exercer uma influência considerável sobre as representações imagéticas do corpo. No entanto, a teoria social têm apresentado achados e teorias que estão fundamentadas na premissa de que o corpo é um receptor, ao invés de um gerador, de significados sociais (SHILLING, 2006). Sob essa ótica torna-se insustentável nomear o corpo apenas como se fosse um “fetiche”, isto é, omitindo o indivíduo que o encarna. O corpo, sendo assim, não estaria envolto no véu das representações sociais? Ao ir de encontro a essa premissa pode-se afirmar que o corpo não é uma natureza e o corpo ao qual estamos nos referindo sequer existe. Pois esse corpo nunca se viu e, o que na verdade se vê na verdade são indivíduos homens e mulheres. Sendo assim, não se vê corpos e, do mesmo modo, não existe um corpo universal (LE BRETON, 2007).

As representações do corpo são representações do sujeito. O corpo pode aparentemente explicar-se a si mesmo, entretanto, isso não é verdade. O corpo é socialmente construído, tanto em suas atribuições concernente ao imaginário coletivo quanto em suas teorias que explicam seu funcionamento ou as relações que se mantém com o indivíduo que encarna. O corpo pode ser interpretado como uma falsa evidência, uma vez que ele não é um fenômeno inequívoco, mas o efeito de uma construção social e cultural. Pela corporeidade o sujeito perpetra o mundo como uma extensão de sua vivência, demudável ao entendimento. O corpo, desse modo, torna-se ou não um lugar da exclusão, da inclusão, do pertencimento, do ser ou do não ser, do legítimo ou do artificial, que interrompe, distingue, separando-o dos outros indivíduos ou como um conector. Ademais, o sujeito busca tatear suas marcas, compelido a produzir/reproduzir uma identidade. Portanto, o corpo é

designado não como algo que é indistinto do sujeito, mas como uma posse um atributo, “um outro”, um *alter ego*. O indivíduo é a alegoria desse discurso, em que o corpo dualista se opõe ao sujeito de modo abstrato, emergindo assim, uma existência para corpo fora do homem concreto. O corpo é um portador de estruturas externas ou códigos culturais. Sob essa ótica o corpo pode ser apreendido como produto da construção social que ao mesmo tempo é ambíguo e dualista e pouco questionado (LE BRETON, 2007).

Para Bourdieu o corpo é um fenômeno inacabado que está em um constante processo de construção e de transformação. Historicamente, a prática de igualar os corpos como universais e “naturais” tem favorecido alguns grupos sociais dominantes como, homens brancos, heterossexuais e com corpos que refletem padrões de masculinidade. Essas, por sua vez, tornam-se as causas das desigualdades que tem nos corpos imutáveis, naturais e biológicos um padrão que baliza as identidades de gênero, procurando, deste modo, igualar a identidade com o corpo biológico (SHILLING, 2006). Destoante desse discurso, os limites do corpo estão longe do “natural” e próximo ao social, sendo assim, o corpo pode ser apreendido como tendo uma camada externa, permeável por meio da qual o projeto da idealização do “eu” é externamente construído (GIDDENS, 1991). Logo, o corpo é uma entidade inacabada mesmo que ainda os controles sobre o corpo, explicitados anteriormente, apresentam-no como uma entidade “acabada”.

Os corpos, por vezes, mudam e se apoiam na legitimidade de imagens refratadas socialmente. Essas alterações podem ser programadas desde o nascimento e, também, são contingentes das práticas sociais potencialmente reversíveis ao longo da vida. Nessa perspectiva, o trabalho de Connell (1983, 1987) lança luz ao corpo como um projeto, sendo assim, por causa de seu inacabamento ao nascer, o corpo esta em um processo contínuo de formação que se inicia na entrada da vida social. Contudo, Connell (1983, 1987) tende a equiparar a biologia com o “exterior” do corpo. Para Nicholson (2000), a relação entre corpo, personalidade e comportamento refere-se ao fundacionalismo biológico, que se mostra semelhante em distintas culturas. Esse entendimento rejeitou o determinismo biológico explícito, discutido anteriormente, embora o cerne do fundacionalismo biológico se refira à existência dos atributos generalista em diferentes culturas.

Nos trabalhos de Connell (1983, 1987) o sexo tem seu foco no que pode ser chamado de “exterior” do corpo, ou seja, diz respeito às formas anatômicas,

contornos, tamanhos e musculatura. Por outro lado, no que se refere ao corpo o argumento Connell se desdobra em três partes, a primeira, analisa como os corpos das mulheres e os corpos dos homens são delineados e distintos por intermédio das práticas sociais, em que a perspectiva social atribui um novo significado para os sistemas que não pode se justificar com base em uma referência biológica. A segunda relata que ao as definir os corpos distintos por meio das categorias sociais ou outras práticas sociais se exerce um impacto direto sobre o corpo. Logo, as práticas sociais de gênero não negam o corpo, mas buscam transcender e transformar sua materialidade. Por fim, a terceiro, se refere aos processos de negação e transcendência. Isto é, as categorias e práticas de gênero agem como forças que moldam e transformam os corpos de mulheres e homens de modo que se reforçam imagens particulares de feminilidade e masculinidade.

Concomitante com o exposto pode-se aferir que o corpo propicia a manutenção das relações sociais assim como, as relações de dominação ou subordinação, pode-se tomar como exemplo as expressões corporais designadas ao ato em que o homem abre a porta do carro para a mulher, subintende-se simbolicamente implícito, que esse ato é constitutivo de uma desigualdades de gênero (GOFFMAN, 1979). Sub esse aspecto, os homens, por vezes, estão em posição de protetores, portadores de uma força física superior, isso de modo implícito atribui as mulheres um caráter de fragilidade, fraqueza e delicadeza. Elas se tornam atores que falham no que se refere aos modos de esforço físico, acredita-se, desta maneira, que os homens são superiores em força às mulheres (GOFFMAN, 1974; 1977). Como resultante, a natureza dos termos mulher e homem, feminino e masculino/masculinidade por vezes tendem a não questionar as bases ontológicas da diferença sexual.

Conforme Bourdieu relatou a mercantilização do corpo via sistemas sociais incorporam uma variedade de significados que atribuem valores a diferentes tipos de corpos. Nestas condições, há uma tendência para que a auto identidade entre em crise, pois ela esta atrelada aos corpos. Conforme o estudo do estigma de Goffman (1977) a compreensão de um indivíduo de si é susceptível de ser afetada por ajuizamentos atrelados ao valor do corpo. Para Featherstone (1987), os valores correlatos às formas físicas podem se alterar com o tempo e com a influência de uma cultura. Isso traduz as incertezas projetadas sobre o corpo, que por veze ainda não ganhou tonos, formas, contornos ou sequer foi significado, como no caso de um

bebe em que essas projeções são atribuídas e designadas por outros como um reflexo do imaginário social. Sob esse mesmo prisma Douglas (1966, 1970) cunhou a ideia do corpo como um receptor de significado social e um símbolo da sociedade. Desta forma, o corpo é a imagem de um sistema social em que as projeções são provenientes das percepções sociais e culturais (DOUGLAS, 1970). Logo, grupos sociais distintos tendem a adotar abordagens para o corpo distintas que correspondem à localização social de cada indivíduo.

Turner (1992a) afirma que existem bases orgânicas para o corpo e, também, existe uma referência, essa proposição vai de encontro à premissa de que o corpo é construído socialmente. Portanto, essas duas declarações em um primeiro momento podem soar como contraditórias, contudo, pode-se reconciliá-las ao aceitar a proposição de que se fala de coisas distintas. Ou seja, deve-se restringir a primeira afirmação ao corpo real e a segunda se refere às classificações que dizem respeito ao corpo, ambas se complementam.

Masculino ou feminino, homem ou mulher, menino ou menina

Partindo da concepção do corpo como algo que extrapola o seu caráter material torna-se primordial ir de encontro à seara imagetivamente construída da masculinidade. Então, o que é ser homem? Para Badinter (1993) ser homem é resultado de um esforço do qual o menino é estimulado a construir uma identidade masculina que se desenvolve por meio das práticas sociais (CONNELL & MESSERCHMIDT, 2005). Em decorrência a construção dessa identidade masculina passa por algumas abdições. O menino desde a infância, por exemplo, é ensinado sobre o que não deve ser, fazer, sentir e demonstrar em público (LEVANT & WONG, 2013). Sobre essa formação se inclui não chorar, não demonstrar e expressar seus sentimentos e não deve ter atitudes, comportamentos e aspecto corporal relacionado ao universo feminino, isso inclui não ser afeminado (WELZER-LANG, 2001; DE SOUZA BERALDO & TRINDADE, 2016; CARMO, 2010).

Para se tornar homem, não deve ser feminino, desta maneira, a masculinidade está intrinsecamente relacionada com a virilidade, em que a sexualidade constantemente é questionada e vigiada (BADINTER, 1993). A percepção da superioridade masculina sobre a feminina passou a ser reforçada principalmente entre os séculos XVII se estendendo até o início do século XIX, valorizando atributos como força, racionalidade, capacidade e raça (CARMO, 2010).

Entretanto os vestígios dessa herança ainda são replicados, mesmo que de forma sutil e distinta, como o modo que a hegemonia masculina é ensinada desde a infância, como por exemplo, quando os meninos evitam se misturar com as meninas, implicitamente existe o caráter de inferioridade e fragilidade interferindo nesse processo, isso intervém na escolha do grupo ao quais os meninos buscam ser parte (CONNELL & PEARSE, 2015). Desde a infância, a socialização dos meninos por meio das brincadeiras, brinquedos e espaços são incentivadas com o intuito de desenvolver os traços de masculinidade, do mesmo modo, se busca reprimir e conter as emoções e sentimentos (CONNELL & PEARSE, 2015). Outro exemplo pode ser encontrado na separação dos locais de socialização, lazer e esportes. Desde criança os locais, apesar de serem de acesso a todos, implicitamente apresentam uma barreira invisível ao qual se limita o uso desses espaços, como ao ensinar as crianças que o uso do campo de futebol e das quadras de esportes é para os meninos que tem força e podem ser brutos no esporte. Logo, esses espaços podem ser considerados como ambientes fora da vigília feminina (WELZER-LANG, 2001).

Em consonância com os aspectos suscitados, pode-se inferir que a acepção do entendimento de masculinidade experienciado por homens desde a infância não é unicamente proveniente do simbólico correlato ao falo ou das representações imagéticas de poder relacionadas ao corpo. Entretanto, ele também decorre da transformação do corpo por intermédio das práticas sociais (CONNELL, 1983, 1987). Essas práticas podem ocorrer de diversas maneiras e incluir os estímulos que os meninos, mais frequentemente, recebem em relação às meninas, como por exemplo, o envolvimento em exercícios físicos e o culto à fisicalidade, como o futebol e a musculação, que incidem na gestão disciplinada do corpo e na ocupação de lugares tidos como masculinos. Em decorrência, essas diferenças tendem a aumentar com a entrada na adolescência, uma vez que as meninas tentem a ser estimuladas pela mídia a se dedicar mais ao cuidado e beleza dos seus corpos, por exemplo, uso de *make-up*, adereços, acessórios e joias, enquanto, por outro lado os meninos voltam-se ao externo (SHILLING, 2012).

Na sua pesquisa Scott (1990) expõe uma análise da identidade feminina, sublinhando a importância de se entender as relações sociais como sexuadas, partido da distinção do gênero. Nesse estudo Scott (1990) conduz a discussão para um viés dissimétrico e diversificado, que contempla as correlações entre os sexos.

Sob essa ótica, o gênero expressa-se como um meio constitutivo das relações sociais, baseado nas distinções. Sendo assim, por meio dos discursos correlatos ao gênero, torna-se coerente a maneira pela qual se apreende e se estabelece as diferenças. Ou seja, a esfera social alusiva ao gênero se constitui na relação entre as qualidades e aptidões do sujeito, a partir dos parâmetros que norteiam as correlações entre os sexos e o contexto social. Assim, ao se referendar o conceito de gênero deve-se suscitar a noção de performatividade em sua construção, abarcando também o sexo e os corpos. Para tanto, entende-se por performatividade os atos, as práticas e os discursos que reforçam e replicam, por esse reforço, realidades próximas do repertório cultural dos indivíduos, o que o torna a performatividade compreensível (BUTLER, 1993).

Os papéis de gênero e os roteiros sexuais

Os significados de gênero culturalmente difundidos têm sua base conceitual desenvolvida sobre a divisão do mundo em masculino e feminino, dicotomia esta vista em múltiplos aspectos etnográficos, tais como a atribuição de gênero às atividades, objetos, ações, emoções, espaços da casa, espaços da cidade, dentre outros (ALMEIDA, 1996). Para Piscitelli (2009, p. 127), grande parte da produção sobre essa diferença foi realizada num momento em que se difundia o conceito de papel social, a partir da década de 1930. A teoria dos papéis sociais busca compreender os fatores que influenciam o comportamento humano. A ideia é que os indivíduos ocupam posições na sociedade, desempenhando papéis de filho, de estudante, de avô.

Dessa época em diante, os termos papel sexual, papel masculino e papel feminino tomaram as bocas das gentes e trouxeram com eles a noção de planejamento e de esquematização: esses papéis organizam a conduta do indivíduo ao longo do tempo e funcionam tanto como um gabarito para a verificação do sucesso das ações passadas quanto como uma referência para o planejamento das ações futuras (GAGNON, 2004).

Os papéis podem ser mais ou menos flexíveis e mais ou menos detalhados de acordo com o tipo de pessoa que os representa e com o local em que ele é encenado, mas, quando a conduta sexual é roteirizada, o emprego dos papéis se dá menos com o objetivo de elucidar os passos pelo qual a relação sexual se desenrola do que com o de enfatizar os processos psicossociais e culturais que atribuem

significado às ações sexuais e que devem ser inscritos nos sujeitos, em tenra idade, por meio de sua socialização (GAGNON, 2004).

Ainda hoje, a construção do gênero se dá por intermédio de suas várias tecnologias, como o cinema e as propagandas, e dos muitos discursos que o abordam, tais como as teorias científicas. Consoante De Lauretis (1987), ambos têm o poder de controlar o campo da produção de significados sociais e, portanto, de produzir representações de gênero, mas, para ela, os termos para diferentes construções de gênero encontram-se nas margens dos discursos hegemônicos.

Se o corpo é socialmente construído, a jornada pela identidade começa antes do nascimento?

Até mesmo no processo biológico inerente a maternidade e nascimento às mulheres são protagonistas de um papel social distinto dos homens. Isso ocorre devido à existência do patriarcado que se fundamenta na biologia e aparta os homens do processo do nascimento e educação que por vezes se apropria e desvaloriza esta experiência. Partindo da análise de O'Brien (1981) que analisa as maneiras de masculinidade e feminilidade absorvidos por homens e mulheres que levam ao patriarcado, pode-se inferir que ambos partem de uma concepção “natural” e “inevitável”, isso pois, eles estão situados na esfera da biologia e da natureza. Os pontos de vista naturalistas tendem a perceber o corpo como um fenômeno pré-social imutável, dicotômico e distorcido da concepção do corpo que é construído e afetado pelas relações sociais. Sendo assim, até o que se apresenta como “natural” ou “imutável” foi socialmente construído, logo, não existem em sua essência. Dentro dessa “naturalidade” as mulheres por gestar/biológico um bebe seriam mais dóceis, amáveis, sensíveis e delicadas? Creio que não. Por vezes na infância essas características já existem no repertório social, como se existisse uma receita “natural” e “imutável” para as características atribuídas ao feminino e ao masculino como papéis performativamente construídos em uma atuação cênica (SHILLING, 2012).

As vivências dos indivíduos desde a infância, imersas nas esferas sociais, balizam as distinções que acabam por delinear o que é ser masculino ou feminino (PAECHTER, 2006). Entretanto, esse processo é mutável, sendo assim, as atribuições e características tidas como proveniente de um perfil masculino não é de concepção absoluta, que se constroem por meio de um processo de distinção entre

o feminino e o masculino (DE SOUZA BERALDO & TRINDADE, 2016). Seguindo essa concepção, pode-se asseverar que a identidade é constantemente construída seja nos códigos, discursos, significados, valores ou símbolos que são refratados, replicados e reforçados em ambientes sociais desde o nascimento ou, até mesmo antes, nas escolhas parentais de socialização para o sexo do bebê, até o decorrer da vida encapsulada nas instituições sociais como na instituição familiar/casa, na rua, na escola, nas atividades de lazer ou no consumo de brinquedos e roupas (NASCIMENTO, 2009). O cuidado com a construção da masculinidade torna-se, desta forma, constante na vida do homem, se apresentando na observação, na repetição de um “padrão” norteado por atitudes e modos de expressar os sentimentos e a sua racionalidade (FREITAS, 2002). Por fim, alinhado ao exposto, pode-se inferir que a raiz da masculinidade não se refere unicamente ao gênero, ela é consumida, produzida e reproduzida tanto por homens, quanto por mulheres, isso, pois, a constatação do que é ser masculino se funde em oposição à definição do que é ser feminino (Badinter, 1993). Essa construção se reforça ao prelúdio de que os adultos atribuem papéis sociais as crianças encorajando os meninos a se tornarem “homens” e as meninas a tornarem-se “mulheres”.

O Chá de Revelação

Os chás de revelação são encontros organizados geralmente pelos futuros pais e por amigos e parentes mais próximos para que seja revelado tanto a eles quanto ao seu círculo social o sexo do bebê. Usualmente, a futura mãe requer ao obstetra o exame de sexação e, uma vez obtido o resultado, isto é, a confirmação do sexo do bebê, uma pessoa de confiança recolhe o resultado e organiza esse encontro de forma que, em determinado momento, este venha a ser revelado. Tal revelação encontra-se majoritariamente materializada na cor rosa para menina e na cor azul para menino.

Os chás de revelação guardam muitas semelhanças com os tradicionais chás de fralda. Estes últimos, contudo, geralmente são frequentados majoritariamente por mulheres, sejam elas parentes próximos da futura mãe, amigas, vizinhas, dentre outros graus de relacionamento. Segundo Fischer e Gainer (1993) esse encontro feminino ajuda a consolidar uma atmosfera ritualística de transição para o estado de mãe e de iniciação aos mistérios da maternidade.

Ambos costumam ter temática infantil e a decoração costuma ser feita com balões, docinhos, sacos surpresa e jogos e brincadeiras infantis podem também fazer parte da celebração. Caso eles venham a acontecer, geralmente se parecem a gincanas, em que há times competindo entre si.

O propósito de um chá de fraldas é munir os futuros pais com roupas, brinquedos, fraldas, dentre outros acessórios necessários ao novo bebê. Apesar de ser uma cerimônia de caráter econômico, ela reforça a rede de assistência formada por familiares e amigos em torno dos futuros pais. Já os chás de revelação não necessariamente guardam esse caráter. A depender da vontade do casal, ele pode ser ou não fundido ao chá de fraldas numa única comemoração. Caso isso não ocorra, geralmente os convidados não levam presentes e são chamados apenas para testemunhar a revelação do sexo do bebê.

Essa revelação, como dito anteriormente, se dá por meio de algum material que metaforicamente represente o sexo masculino ou feminino, sendo que, na maior parte das vezes, ele se dá por meio da cor. Esta pode estar presente no recheio de bolos ou de doces, em confetes que caem do teto, em papéis dentro de envelopes e, neste ponto, a criatividade torna-se o limite. O principal momento do encontro é justamente quando algo metaforicamente indicará o sexo do bebê e, a partir de então, ele receberá um nome e designações sociais a partir de sua marcação sexual.

O método

A metodologia adotada neste estudo tem sua base na pesquisa de natureza exploratória em que a pesquisa qualitativa alinha-se à proposta do estudo, fornecendo descobertas capazes de gerar novos estudos, fomentar o debate no que tange a subjetividade do consumo simbólico e contribuir para a pesquisa da cultura do consumo. A adoção de uma abordagem interpretativa neste estudo alinha-se aos preceitos apresentados por Levy (1981), que advoga pelo uso do enfoque interpretativo nos estudos de consumo, ao relatar que os produtos são consumidos de forma simbólica. As múltiplas e dinâmicas realidades em que os indivíduos designam sentidos e interagem ativamente a partir de suas relações com o mundo de maneira a moldar o seu ambiente partem das premissas ontológicas do interpretativismo (HUDSON; OZANNE, 1988). Alinhado ao exposto, com o intuito de obter das entrevistadas informações idiossincráticas inerentes aos seus

comportamentos de consumo quanto à revelação do sexo do seu bebe, conduziu-se um estudo qualitativo interpretativista, baseado em narrativas provenientes de entrevistas em profundidade.

Para fundamentar e dar contorno as discussões propostas, a análise do discurso de corrente francesa de linha Pecheutiana se apresenta como fio condutor para nortear e transgredir o estudo da cultura do consumo por meio dos valores representativos e simbólicos imbricados nesse universo em que os discursos legitimam a constituição de sentido e do significado do que representa ser masculino ou feminino em um corpo que em tese ainda não intervém dialeticamente com o mundo exterior. Logo, mais do que a proposição de uma teorização dos fenômenos estudados, a escolha pela análise do discurso de linha francesa se deu a partir da relevância analítica dos seus instrumentos. Esse método apresenta-se capaz de contribuir de forma contundente e analítica para o estudo dos fenômenos pertinentes ao consumo, com um ganho de inteligibilidade, pertinência e diferenciação. À vista disso, a análise do discurso procura responder a um determinado conjunto de pressupostos que possibilitam a constituição e a operacionalização do discurso como objeto de análise. Portanto, a análise do discurso está além da mera aplicação, sua relação se estende entre teoria, objeto e prática científica, em que o discurso se introduz como um campo de questões designado à compreensão do que seja história, sujeito, linguagem e ideologia (ORLANDI, 2012).

No que se refere à definição do *corpus*, a pesquisa nesse primeiro momento se delimitou em entrevistar 2 mães que realizaram, no período inferior há um ano, o chá de revelação para desvendar o sexo do bebe. A entrevista 1 com 37 anos e a entrevistada 2 com 35 anos, ambas residentes na cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. As entrevistas foram realizadas no domicílio das mulheres entrevistadas e gravadas em áudio pelo pesquisador. Por sua vez, a seleção e a forma de contato com as entrevistadas aconteceram por meio de referências de indicações.

As entrevistas realizadas totalizaram 144 minutos. Como resultado, se obteve o volume bruto de 56 páginas de entrevistas transcritas. Posteriormente, se ordenou o material coletado, refinando os relatos até se obter o número de 40 páginas. A partir do apurado, o material foi reordenado e filtrado, resultando, conforme a relevância, em 30 páginas de seleção de fragmentos discursivos. Por fim, para as análises dos fragmentos narrativos se extraiu 15 páginas do material restante.

Para identificar e enumerar os fragmentos discursivos nas análises definiu-se como padrão a utilização de colchetes.

Em análise uma identidade esvaziada: A revelação do corpo, do sexo, do gênero

Diante do exposto, torna-se relevante compreender a significação dos discursos construídos e reproduzidos pelos enunciadores por meio da relação entre a identidade ainda inexistente, o discurso inerente à legitimação do sexo, a construção do gênero e a replicação social do fundamentalismo biológico via consumo. Passando pelo discurso intrínseco ao corpo significado no ventre da mulher e performatizado no momento da revelação do sexo biológico em que o consumo torna-se a materialização e a legitimação do sexo e de uma possível identidade a ser construída coletivamente por intermédio das generalizações reproduzidas pelas noções de masculinidade e de feminilidade.

Para tanto, as análises subsequentes partem dos fragmentos discursivos, erigidas sob o prisma da análise do discurso de corrente francesa de linha pechetiana, em que se analisa o contexto e os aspectos sociais, históricos e ideológicos imbricados nas narrativas. Nessa perspectiva, as análises dos fragmentos discursivos perpassam a análise lexical, os temas (explícitos ou implícitos) dos discursos, o trajeto semântico estruturado a partir dos temas, os elementos interdiscursivos, as particularidades da sintaxe discursiva, os aspectos refletidos e refratados nos discursos, os aspectos sociais de construção dos discursos e os aspectos ideológicos presentes nos discursos.

Em análise as marcas de gênero no sexo no chá de revelação

[01] [...]como eu não sabia o sexo, não sabia nada, como que eu disse “nó como fazer né?” Por que eu conheço muitas coisas, minha mãe não sabe organizar. Aí eu dei o contato pra minha mãe de uma loja, um lugar de Belo Horizonte, minha mãe passou o sexo, por que a gente descobriu através do balão, entendeu? Quando furasse o balão a cor que seria ia ser rosa ou azul né e aí eu passei. O restante das coisas ficou muito fácil, eu organizei tudo por que como é rosa e azul, eu teria que colocar na mesa rosa e azul, eu escolhi tudo, então assim o bolo... não o bolo não tinha cor, o bolo era rosa e azul também. Só o balão mesmo minha mãe ligou lá pra poder falar qual cor que seria pra na hora da descoberta (entrevistada 02).

No primeiro fragmento discursivo, encontram-se as marcas do gênero no sexo biológico em que no momento da revelação as cores, os símbolos e discursos vão balizar o futuro papel social performatizado antes mesmo do nascimento de uma menina ou menino.

Em conformidade, o segundo fragmento apresenta o relato da narradora ao contar para o entrevistador se há mais torcida na família para ser menino ou menina e se existe alguma preferência pelo sexo do bebe, a narradora relata que:

[02] Oh, no meu primeiro filho, é... eu tenho a sensação de que as pessoas ao meu redor torciam mais por uma menina, mas da minha parte a torcida era pra um menino e do meu marido também. A gente sempre quis... eu na verdade até então eu julgava que eu só queria ter um filho, só filho homem assim pela minha dificuldade na relação com a minha mãe eu tinha muito medo de ter uma menina, de como eu iria eu... tinha medo de fazer com a minha filha a mesma coisa que a minha mãe havia feito comigo, então eu achava que era muito mais fácil ser mãe de menino pelas minhas características como um todo também. Então no primeiro filho a torcida era pra um menino. No segundo, a minha torcida a princípio continuava sendo por um menino. Eu continuava com o mesmo... com o mesmo pensamento de que eu já era mãe de um menino até financeiramente a gente tinha inclusive as roupas do enxoval do menino, mas mais uma vez como eu já tinha um filho a torcida dos amigos e dos familiares era por uma menina né, como se você tiver um casal você vai tá completo, enfim. Acho que culturalmente essa questão de ter um menino e uma menina é bem visto, enfim. E aí eu acho que a torcida das pessoas era pra uma menina, mas a minha torcida inicialmente era pra um menino novamente (entrevistada 01).

Ao dizer “da minha parte a torcida era pra um menino e do meu marido também” a entrevistada ao usar o substantivo “minha” e “meu” atribui uma posse ao seu discurso, tomando para si o desejo de ser mãe de um menino. A materialidade nesse discurso foi expressa e reforçada no decorrer da narrativa por meio do uso frequente do pronome “eu” doze vezes nesse fragmento. Esse recurso transmite personalidade e uma projeção da própria identidade/*alter ego*, entretanto, isso se alinha, é reforçado e torna-se legítimo ao citar o marido como personagem/testemunha que compartilha do mesmo desejo, reforçado posteriormente em “a gente sempre quis...” Também, a narradora por meio de um discurso implícito se projeta no lugar de uma possível criança do sexo feminino em que suas experiências são evocadas e reforçadas pelo imaginário masculino materializado no marido que compartilha do mesmo desejo, isso foi impresso pelo uso do advérbio “também”. Do mesmo modo, como reforço essas marcas aparecem no decorrer do relato via repetição dos substantivos masculino como “filho” que é mencionado cinco vezes, o substantivo “menino” mencionado oito vezes e o

substantivo homem uma vez neste fragmento, ao passo que os substantivos filha aparecem uma vez e menina cinco vezes no decorrer do relato.

A resistência por ser mãe de uma menina emerge das dificuldades enfrentadas pela entrevistada como descrito no trecho “[...]assim pela minha dificuldade na relação com a minha mãe eu tinha muito medo de ter uma menina, de como eu iria eu... tinha medo de fazer com a minha filha a mesma coisa que a minha mãe havia feito comigo”. O substantivo “medo” proferido duas vezes no relato aflora como um estado emocional vivenciado pela narradora que inconscientemente evocar lembranças e sentimentos que se referem à relação mãe e filha e traumas vivenciados. Isso também aparece implícito no trecho “de como eu iria[...]” essa expressão denota imprecisão e uma possível insegurança quanto à educação e os cuidados com uma menina, talvez por uma possível fragilidade associada sexo. Então... Seria mais fácil ser mãe de um menino? Para Scott (1990) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, logo, também é um modo de significar as relações de poder. “...Então eu achava que era muito mais fácil ser mãe de menino pelas minhas características como um todo também”, esse trecho trás materialidade ao aferido anteriormente e implicitamente ao empregar o substantivo “características” em que se designa os aspectos socialmente atribuídos ao gênero feminino e a vivência experienciada pela narradora, “características” essas silenciadas na narrativa. “[...] violência simbólica, violência suave, insensível, invisível à suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2002, p.2-3).

No fragmento discursivo seguinte a relatora é convidada a narrar se ela preferiria ser mãe de uma menina ou de um menino contando suas experiências e percepções.

[03] Eu tive uma experiência difícil é... com a minha mãe é... e isso eu acho que me gerou um medo né de ser mãe de menina. Eu sempre achei... eu achava antes de ter uma menina né que eu ia, que era mais fácil ter uma ligação, uma troca e uma relação de respeito com o menino. Eu achava que era mais fácil estabelecer uma relação sem tanta competição até pelo meu perfil como mulher de ser controladora, então eu achava que ser mãe de menino seria mais fácil nesse sentido de troca de afeto e de não ter essa competição. Por isso eu sempre preferi um menino (entrevistada 01).

Alguns imaginários sociais são evocados e reforçados nesse fragmento discursivo como a junção da experiência vivenciada pela entrevistada durante o convívio com a mãe e a percepção de que as mulheres são controladoras e competem entre si, isso deixa implícita uma possível construção social ao qual existe uma cumplicidade entre os homens. Essa constatação é legitimada no trecho “meu perfil como mulher de ser controladora...”, nesse fragmento, o pronome possessivo “meu” em junção com o substantivo “perfil” designa uma autodescrição de um traço de personalidade pertencente à entrevistada se ligando, desta maneira, ao imaginário social em “mulher de ser controladora”. Essa simbiose finda no medo de replicar e fracassar ao ser mãe de uma menina, sendo assim, as marcas discursivas impressas na materialidade da narrativa traduzem essas pistas, como no emprego dos verbos “acho” no presente do indicativo, “achei” no pretérito perfeito do indicativo e “achava” no pretérito imperfeito do indicativo indicando uma suposição da relatora inerente ao sexo biológico, atribuindo perfis e características comportamentais ao sexo feminino, isso atribui ao sexo uma carga cultural e social ao qual ele não é responsável e sim gênero que é construído socialmente.

Outros imaginários sociais novamente são evocados ao atribuir características ao sexo como a proximidade do menino com a mãe e da menina com o pai. [02] “se fosse menino... ia se apaixonar pela mãe. Se fosse menina... ia se apaixonar pelo pai”. “Menino faz... Bagunça. Menina faz... Carinho. Menino é... Alegre. Menina é... Doce” (entrevistada 01). Nesses trechos encontramos a atribuição dos papéis sociais via adjetivos que por vezes estão enraizados socialmente e já são postados na criança antes mesmo da sua existência, como pode ser observado no início das análises ao se deixar implícito uma possível fragilidade da mulher que é convertida no medo de se tornar mãe de uma menina. Para Godelier (1981) não é a sexualidade que cria fantasmas na sociedade, mas a sociedade que cria fantasma na sexualidade refletida no corpo. Logo, as distinções entre os corpos, relacionadas ao sexo, são evocadas frequentemente para testemunhar as relações e os fenômenos sociais que, por outro lado, não tem relação com a sexualidade. Resultando assim em um testemunho legitimador.

Partindo da analogia anterior pode-se inferir que o consumo materializa, sustenta e atribui legitimidade aos preceitos inerentes aos sexos. Conforme Rocha e Barros (2004), o consumo estabelece uma maneira de significação, em que a primeira necessidade social que será completada é a simbólica. Portanto, o

consumo é a tradução desse significado que se torna um código, pelo qual se traduz as relações sociais. Assim sendo, pode-se asseverar que o consumo pode induzir a associação e refletir característica, valores e crenças que lhe representam simbolicamente (GEERTZ, 1989). A cultura material, sob esse aspecto, é apreendida como uma projeção da seara imaterial onde se encontra valores, crenças, aspirações e representações sociais e culturais. Deste modo, quando o indivíduo significa e marcar o sexo via consumo é conferido um significado cultural e social que baliza a performatividade no que se refere ser menino ou menina, homem ou mulher, feminino e masculino a identidade. Sendo assim, o fragmento discursivo a seguir apresenta uma narrativa sobre os elementos correlatos às marcas de gênero expressas no consumo de elementos que compõe o quarto dos filhos em termos de cores, móveis e brinquedos, que por sua vez, propiciam a performatividade da masculinidade ou feminilidade desde a infância como uma aprendizagem.

[04] Como eu moro de aluguel, não é uma coisa né hoje eu não tenho... O quarto deles não foi o que eu idealizaria, não é uma escolha minha, então tem uma influência do proprietário do imóvel que eu moro que coincidentemente tinha um filho e uma filha com a diferença de dois anos só que com uma idade um pouco maior do que dos meus filhos e a gente aproveitou e um dos motivos que a gente veio pra essa casa é aproveitar o espaço por que ele tinha um quarto de menina que é tipicamente um quarto de menina, rosa choque com papel de parede e o quarto do menino que é colorido, inclusive, quando a gente veio conhecer o imóvel ele nos contou que o menino quis uma parede azul, uma parede vermelha e uma parede verde que não era coisa dele né justificando mesmo a pintura, vamos dizer assim, né no quarto e o quarto do menino tem... tem essa cor e na verdade esse quarto do meu filho ele é um escritório que esse homem já adaptava pro quarto do menino dele e o quarto do meu filho fica os brinquedos do meu filho de forma livre que ele possa ter acesso e sem muita preocupação com a ordem né assim, tem uma certa ordem, mas que isso não seja imprescindível que ele tenha liberdade de brincar ... (entrevistada 01).

A entrevistada inicia o relato contando que a casa em que mora é aluga e que por esse motivo não houve escolha quanto à decoração, pois já existiam as cores nos quartos. Inicialmente esse relato toma tons de justificativa ao se expressar a razão ou motivo pelo qual nega a participação na escolha das cores, isso fica claro com o emprego dos verbos ser, ter e ir acompanhados demasiadamente da negativa “não” que ao todo aparecem seis vezes no fragmento, em: “não é, não tenho, não foi, não era e não seja”. Implicitamente a entrevistado se exime de um discurso pautado na relação das cores com o sexo das crianças. Entretanto, o imaginário

social inerente à relação entre sexo e cor é evocado ao se relatar que se aproveitou “o espaço por que ele tinha um quarto de menina que é tipicamente um quarto de menina, rosa choque com papel de parede”, ao empregar o adverbio “tipicamente” está implícita a existência de uma convenção social quanto à cor rosa ser feminina, neste caso, o adjetivo rosa choque reforça a cor como legitimamente feminina.

Contudo, o “quarto do menino que é colorido, inclusive, quando a gente veio conhecer o imóvel ele nos contou que o menino quis uma parede azul, uma parede vermelha e uma parede verde que não era coisa dele né justificando mesmo a pintura”. Nesse fragmento discursivo a narradora dá ênfase ao relatar que o quarto do menino não é predominantemente azul e que tem outras duas cores, verde e vermelha. Ao empregar o adjetivo “colorido” destaca-se um distanciamento da convencionalidade em que apesar de apresentar a cor azul, correlata ao universo masculino, carrega também simbolicamente outras cores. Assim, salienta-se também que por se tratar de uma casa que é alugada a escolha por esse ambiente consumido se pauta na identificação dos atributos simbólicos, principalmente os que levam em consideração a construção identitária dos filhos. Entretanto, essas escolhas se pautam nos aspectos de valores referendados nas construções culturais e sócias e nos papéis performatizados pelos pais. Para Baudrillard (2005, p.80), “A circulação, a compra, a venda e a apropriação de bens e de objetos/signos distintos constituem a nossa linguagem e o nosso código, por qual, a partir do seu intermédio a sociedade se comunica e fala”. Ademais, as práticas cotidianas possibilitam as construções intrínsecas às características inerentes ao consumo, capazes de refletir e propiciar a transferência de códigos, significados e valores aos filhos por meio dos aspectos simbólicos materializados. Assim, esses aspectos tornam-se reais no momento em que os indivíduos identificam e traduzem esses elementos.

A materialização dos aspectos simbólicos podem ser retratadas no momento da revelação.

[05] Eu estava muito nervosa, sabe? Muito nervosa. Quando assim, eu já sentia que era um menino né. Quando eu estourei o balão, eu fiquei assustada, por mais sabe... eu fiquei assustada e o meu marido comemorando horrores sabe? Vibrando, mas eu fiquei assustada. Não sei eu fiquei espantada assim na hora (entrevistada 02).

A entrevistada ao relatar “o meu marido comemorando horrores sabe?” de maneira implícita pelo uso do verbo “saber” faz inferência a comemoração por ser

um menino, isso é reforçado por meio da expressão “horrores” que tem denotação superlativa de intensidade. Essa marca discursiva vai de encontro ao imaginário social correlacionado a preferência masculina por meninos. Assim, vários imaginários sociais podem ser evocados, como o do futuro jogado de futebol, que pode ser materializado em uma camisa de time ou uma bola, no carrinho ou motocicleta de brinquedo.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Em sua essência, esse estudo buscou contribuir e abrir caminho para novas possibilidades de pesquisa em que o consumo via gênero, o sexo, a sexualidade tende a construir a identidade ao se encarnar em corpo antes mesmo do nascimento, como acontece nos chás de revelação. Isso ocorre em decorrência dos discursos replicados e performatizados socialmente inerentes as características de gênero e biológicas em que essas reflexões e contribuições tornam-se um meio de conhecer identidades por meio da diversidade e do corpo como entidade social e simbólica. Trazendo discussões referentes ao fundamentalismo biológico, ainda presente socialmente, que se baseia na existência de um padrão replicado socialmente que reconhece a biologia como destino e não atribui uma distinção entre sexo, gênero, sexualidade e identidade e por vezes chancelada via consumo de marcas de gênero para os sexos, seja presente nas cores, nos brinquedos ou nas características imputadas aos indivíduos por serem homens ou mulheres.

Partido do exposto buscou-se possibilitar uma contribuição para abertura de novas análises e estudos em que se pretende contemplar as dimensões sociais e culturais, tomando por referência a perspectiva social discursivamente construída. Como um estudo em construção, esse trabalho busca compreender e conhecer melhor os pressupostos teóricos que contemplam as questões do corpo pré-existente e performatizado na revelação do sexo e suas narrativas presentes nos discursos produzidos e reproduzidos socialmente e manifestos por intermédio dos valores representativos, simbólicos, culturais e sociais responsáveis por conferir sentido e significado às múltiplas identidades do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de et al. Gênero, masculinidade e poder. **Anuário antropológico**, n. 95, p. 161-189, 1996.

BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. (2a ed.). Maria Ignez Duque Estrada (Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. **— A dominação masculina. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.**

BUTLER, J. *Corpos que importam*. London: Routledge, 1993.

CARMO, Onilda Alves do. Os homens e a construção e reconstrução da identidade de gênero. **Proceedings of the 1nd Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca**, 2010.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. **Gender & society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Gênero: uma perspectiva global—compreendendo o gênero—da esfera pessoal à política—no mundo contemporâneo. **São Paulo: nVersos**, 2015.

CONNELL, Robert William. *Sexo e Poder*. Cambridge: Polity Press, 1987.

CONNELL, Robert William. **Which way is up?: Essays on sex, class, and culture**. Allen & Unwin Academic., 1983.

DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of gender: Essays on theory, film, and fiction**. Indiana University Press, 1987.

DE SOUZA BERALDO, Guilherme; TRINDADE, Ellika. NOVOS PAIS, NOVOS HOMENS? PATERNIDADE E IDENTIDADE MASCULINA NO CONTEXTO PÓS-MODERNO. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 2, p. 56-75, 2016.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: uma análise dos conceitos de poluição e tabu*. 1976.

DOUGLAS, Mary. *Símbolos naturais: Explorações na Cosmologia*. Londres: O Cresset Press, 1970.

FEATHERSTONE, M. 'Lazer, poder simbólico e do curso da vida', em 1. Horne, D. lary e A. Tomlinson (eds), *Esporte, Lazer e Relações Sociais*. Londres: RKP, 1987.

FISCHER, Eileen; GAINER, Brenda. *Baby showers: A rite of passage in transition*. **ACR North American Advances**, 1993.

FREITAS, Marcel de Almeida. A masculinidade hegemônica na cultura brasileira. **Rev. psicol.(Fortaleza, Impr.)**, v. 20, n. 1, p. 28-41, 2002.

GAGNON, John. **An interpretation of desire: Essays in the study of sexuality**. University of Chicago Press, 2004.

GEERTZ, Clifford. *As interpretações das culturas*. **Rio de Janeiro: Guanabara**, 1989.

Giddens, A. (1991) *Modernidade e auto-identidade*. Cambridge: Polity Press.

GODELIER, Maurice. A parte ideal do real. **Godelier: Antropologia. São Paulo: Ática**, p. 185-204, 1981.

GOFFMAN, E. 'A disposição entre os sexos', *Teoria e Sociedade*, 4: 301-31. Penguin, 1979.

GOFFMAN, E. *Análise Quadro: Um Ensaio sobre a organização da experiência*. Nova York: Harper and Row, 1974.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a Gestão da Spoiled Identity*. Harmondsworth: Penguin, 1977.

HUDSON, Laurel Anderson; OZANNE, Julie L. Alternative ways of seeking knowledge in consumer research. **Journal of consumer research**, v. 14, n. 4, p. 508-521, 1988.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo/David Lê Breton*. tradução de Sônia MS Fuhrmann. **Petrópolis/RJ: Vozes**, 2007.

LEVANT, Ronald F.; WONG, Y. Joel. Race and gender as moderators of the relationship between the endorsement of traditional masculinity ideology and alexithymia: An intersectional perspective. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 14, n. 3, p. 329, 2013.

LEVY, Sidney J. Interpreting consumer mythology: a structural approach to consumer behavior. **The Journal of Marketing**, p. 49-61, 1981.

NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; BARKER, G. Homens, masculinidades e políticas públicas: aportes para equidade de gênero. **Rio de Janeiro: Promundo, UNFPA**, 2009.

KROKER, A. e KROKER, M. *Invaders corpo: sexualidade e condição pós-moderna*. Houndmills: Macmillan, 1988.

O'BRIEN, M. *A política da reprodução*. Londres: RKP, 1981.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PAECHTER, Carrie. Masculine femininities/feminine masculinities: Power, identities and gender. **Gender and education**, v. 18, n. 3, p. 253-263, 2006.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. **Diferenças, igualdade. São Paulo: Berleandis & Vertecchia**, p. 118-146, 2009.

ROCHA, E.; BARROS, C. F. Dimensões culturais do marketing: teoria antropológica, estudos etnográficos e comportamento do consumidor [CD-ROM]. **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, v. 28, 2004.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1990.

SHILLING, C. *The Body and Social Theory*. (2ª ed.). London: Nottingham Trent University, 2006.

SHILLING, C. *The body and social theory*. Sage. Turner, BS (1987) o poder médico e conhecimento social. London: Sage, 2012.

TURNER, BS. *Órgãos Reguladores: Ensaio de Sociologia Médica*. London: Routledge, 1992a.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.